



PORTFÓLIO • TRABALHOS E PROCESSOS

EDUARDO HARGREAVES

CURRÍCULO – 2020

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2019 – Plano e Risco – Exposição individual na sala de projetos Porão, da Galeria Periscópio Arte Contemporânea – Belo Horizonte, MG.

2018 – Cartas para um lugar – Exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, através do programa Mostras BDMG 2018-2019. – Belo Horizonte, MG.

2018 – Paisagens Rotas – Exposição individual na Galeria Escada do Centro Cultural da UFSJ – São João Del Rei, MG.

2018 – Paisagens Rotas – Exposição individual no espaço Duas Galerias, Têu Caso – Belo Horizonte, MG.

RESIDÊNCIAS

2021 – Regards d'artistes sur l'Union Roubaix-Tourcoing-Wattrelos, Lille - França.

2020 – Residência artística de seis meses no projeto Atelier Aberto – Centro Cultural da UFMG – Belo Horizonte, MG.

2019–2020 – Residência artística de um ano no projeto Atelier Aberto – Centro Cultural da UFMG – Belo Horizonte, MG.

2018 – Ocupa_Espai, ao lado do artista José Lara, com acompanhamento dos artistas Nydia Montenegro e Marcelo Drummond. – Belo Horizonte, MG.

PRÊMIOS

2018 – Contemplado pelo Prêmio Mostras BDMG – Galeria de Arte BDMG Cultural – Belo Horizonte, MG.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2020 – Mostra Residências Artísticas Atelier Aberto 2019 – Centro Cultural da UFMG – Belo Horizonte, MG.

2019 – Um erro inesperado aconteceu – Galeria Periscópio – Curadoria de Marcelo Drummond e Nydia Negromonte – Belo Horizonte, MG.

2019 – Festival de C4NN3\$: Sem anos de história – Lona Galeria – Festival de Vídeo Arte – São Paulo, SP.

2018 – 30 anos de arte no BDMG Cultural – Exposição do acervo artístico do BDMG Cultural – Curadoria de Márcio Sampaio e expografia de Marconi Drummond – Belo Horizonte, MG.

2018 – Como uma quilha corta as ondas – Casa Azeitona – Curadoria de Manu Grossi – Belo Horizonte, MG.

2018 – Longitudes e Latitudes da Memória – Festival Artes Vertentes – Curadoria de Luiz Gustavo Carvalho – Tiradentes, MG.

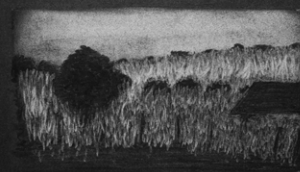
2018 – Inversos de antípodas – Galpão Ilha Major – Belo Horizonte, MG.

2018 – Quantos mapas são possíveis? – Ocupa_Espai – Mostra de processos da residência artística, em conjunto com o artista José Lara – Belo Horizonte, MG.

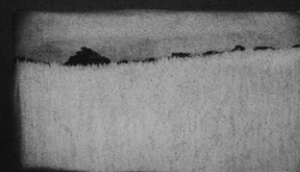
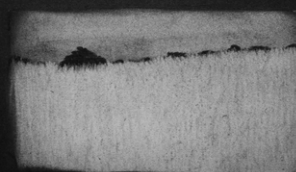
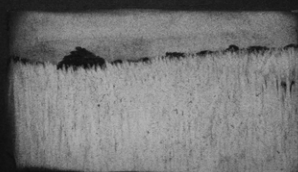
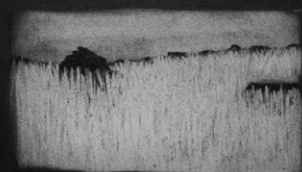
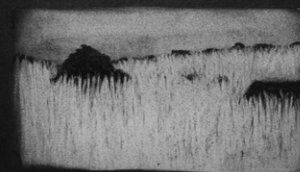
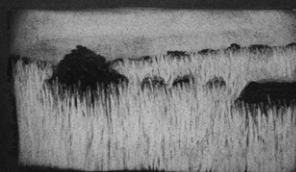
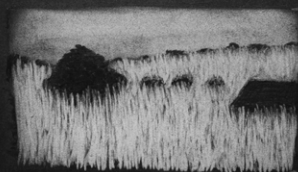
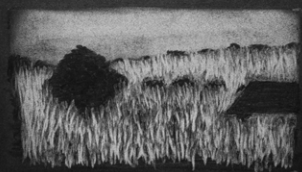
2017-2018 – As horas que não dormimos – Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos de Artes Visuais no Centro Cultural da UFMG – Belo Horizonte, MG.

2017 – Desenvolvimento – Exposição coletiva na Galeria da Biblioteca Central da UFMG – Curadoria de Fabrício Fernandino – Belo Horizonte, MG.

2014 – Deriva 9: De Nós ou De Naus – Centro Cultural da UFMG – Curadoria de Marcos Hill – Belo Horizonte, MG.



A COISA FRIA TAMBÉM CHAMADA MEMÓRIA



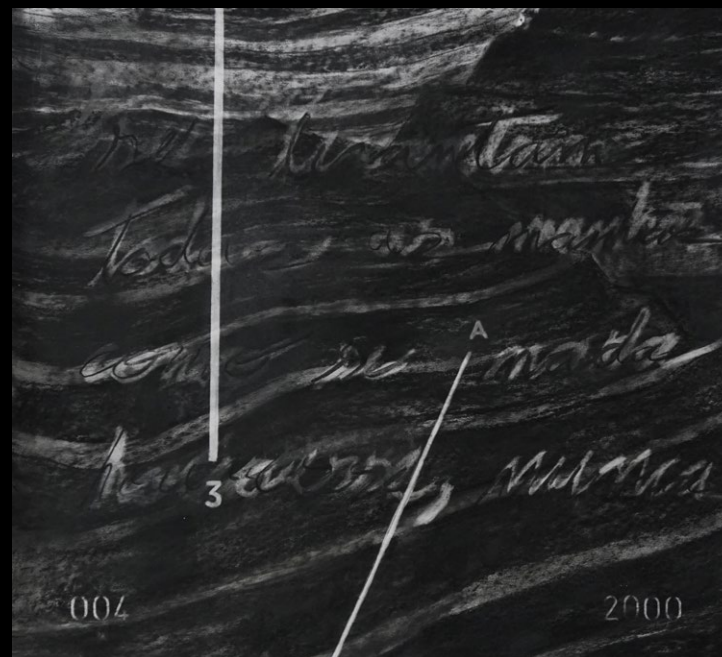
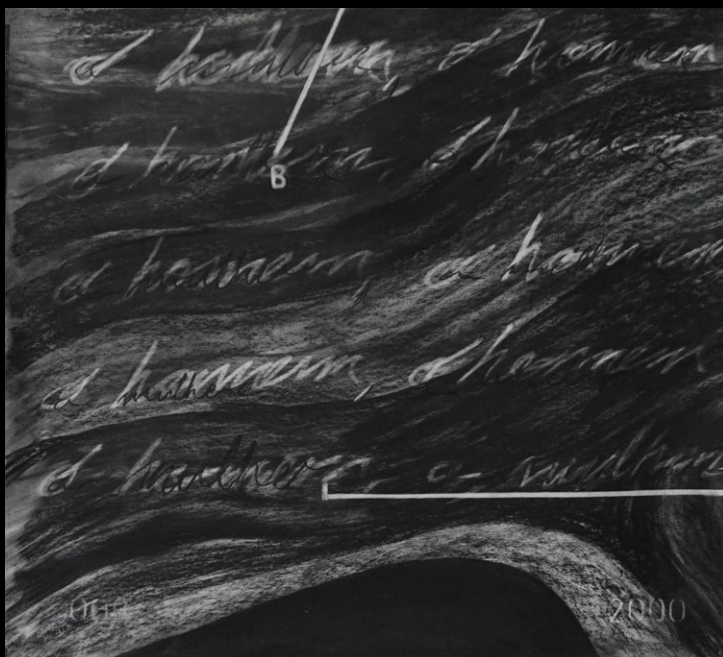
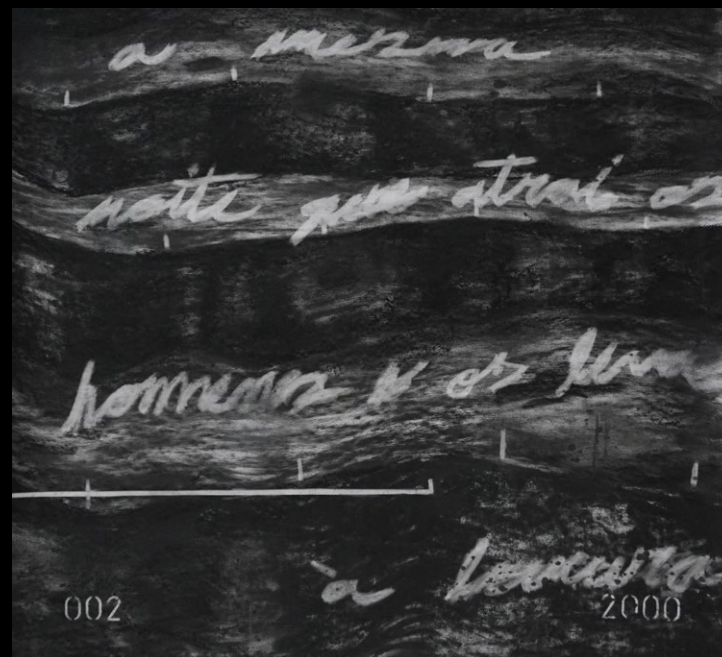
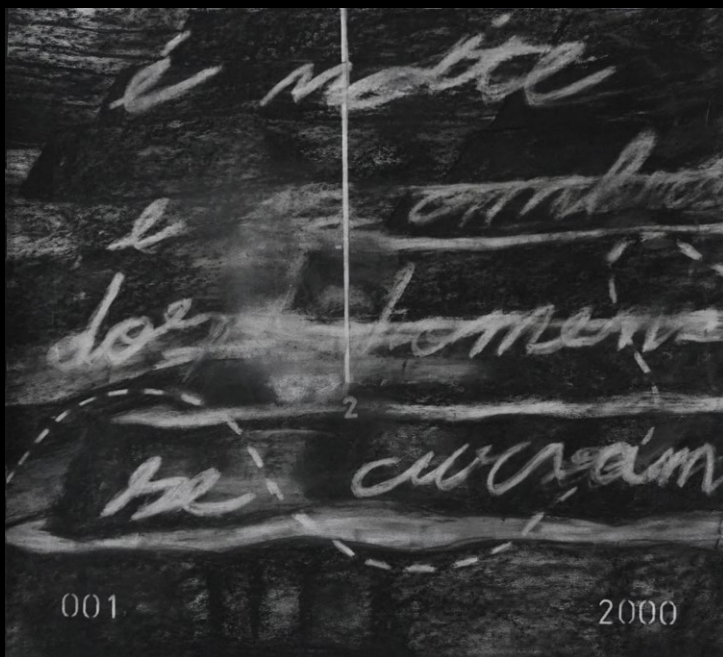


Desenhos iniciais para o projeto 'A coisa fria também chamada memória', 2020.
Carvão sobre papel.

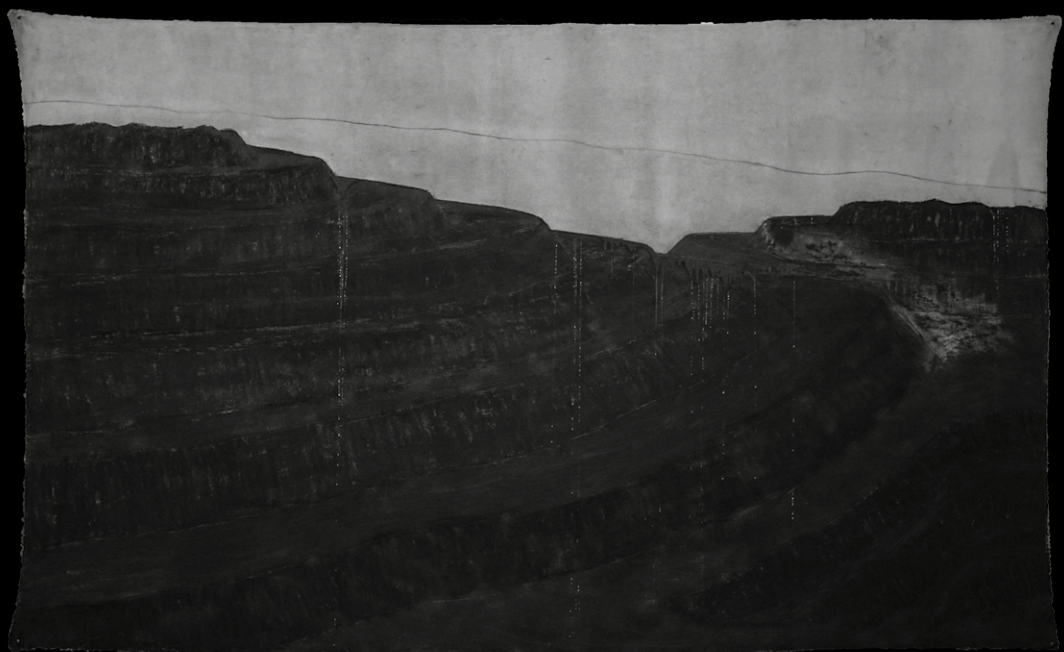


BRASIL, HY-BRASIL^{*}

^{*} Trabalho em processo.



É noite e os ombros dos homens se curvam, 2018 – 2020
Carvão sobre papel.



Brasil, Hy-Brasil I, III, IV & VI, 2018 – 2020
Carvão sobre tecido. 250 x 150 cm cada.



Brasil, Hy-Brasil VII, 2018 – 2020
Carvão sobre tecido. 500 x 150 cm.

A dark, atmospheric photograph of a stone archway or tunnel entrance. The scene is dimly lit, with light filtering through the arch, creating a sense of depth and mystery. The stone walls are rough and textured. The word 'ARCÁDIA' is overlaid in the center in a bold, white, sans-serif font.

ARCÁDIA



“Eduardo Hargreaves trabalha a série de desenhos Arcádia a partir de espaços triviais e cotidianos, evidenciando elementos gerais da estrutura de prédios, casas, espaços urbanos e outros elementos culturais, os quais são trabalhados pelo artista para se transformar, através de um processo de tradução, em espaços que apontam um dentro e um fora da imagem.

Cada desenho remete a um lugar possível, que se interliga de certa maneira pela proximidade estética e técnica, porém mostram não estar conectados a um só espaço, mas fazer menção à um lugar distante, mitológico, ao mesmo tempo que presente e comum.”

Luiz Gustavo Carvalho, sobre a série Arcádia



Série Arcádia, 2015 – 2018
Carvão sobre papel. Vista da exposição individual na Galeria Periscópio..



Série Arcádia, 2018 – 2020

Carvão sobre papel.

Vista da exposição no CCult UFMG, em conversa com a instalação de Lourenço Martins Marques.



Série Arcádia, 2018 – 2020

Carvão sobre papel.

Vista da exposição no CCult UFMG, em conversa com a instalação de Lourenço Martins Marques.



CARTAS PARA UM LUGAR

Como lidar com espaços vazios, desconhecidos ou fragmentados?

Como habitar e constituir um lugar a partir desses vazios?

A possibilidade de recompor o espaço, a partir dos fragmentos, é também a possibilidade de perceber o vazio e a ausência como lugares de construção?

Lugar de construção ou a construção de um lugar: através de caminhos distintos pode-se encontrar em um complexo de imagens, um espaço próprio da incerteza, da indeterminação e da suspensão da razão.

CARTAS PARA UM LUGAR reúne diferentes trabalhos que se constroem e se relacionam exaustivamente com questionamentos em torno da elaboração de um lugar.

Os dois caminhos sugeridos no espaço expositivo visam abrir essas questões, indicando uma miríade de rotas e conexões que possam se estabelecer a partir da disposição do corpo e do olhar ativos do observador.

Os trabalhos se tangenciam na escolha e no uso dos materiais, em suas características técnicas e plásticas. Eles também se perpassam através das múltiplas leituras e dos diversos entendimentos que os mapas oferecem ao olhar e às possibilidades de sua reconstrução e ressignificação. Da mesma maneira, as fronteiras traçadas nos mapas, fragmentos textuais e instruções cartográficas e topográficas, se espelham nas manchas de óleo, carvão e pigmentos e nas mudanças de estado físico da parafina – ao derreter, espalhar e enrijecer.

CARTAS PARA UM LUGAR é um convite à navegação e à travessia de itinerários fugidios, imateriais. Um convite à deambulação por um lugar próprio das intercorrências do desejo, onde a percepção e elaboração possam se dar nos espaços de troca entre os trabalhos, uma edificação que emerge da trama criada no conjunto das proposições e instaurações presentes.





Vista da exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, 2018.
Prêmio Mostras BDMG 2017.

The image shows a gallery space with a dark, polished floor and a ceiling with exposed wooden beams and track lighting. On the left, a white wall features the title 'CARTAS PARA UM LUGAR' in red, with the artist's name 'Eduardo Hargreaves' below it. A small, dark, rectangular pedestal stands in front of this wall. To the right, a long, dark wall is covered with large, square, abstract artworks hanging from the ceiling. The artworks are monochromatic, featuring dark, textured patterns on a lighter background. The lighting is focused on the artworks and the title wall, creating a dramatic effect.

**CARTAS PARA
UM LUGAR**

Eduardo Hargreaves

Vista da exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, 2018.
Prêmio Mostras BDMG 2017.



Vista da exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, 2018.
Prêmio Mostras BDMG 2017.



Vista da exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, 2018.
Prêmio Mostras BDMG 2017.



Vista da exposição individual na Galeria de Arte BDMG Cultural, 2018.
Prêmio Mostras BDMG 2017.

do trauma da visão: máquinas de esperar

COMUNHÃO*

* Trabalho em processo.

Comunhão é um projeto de instalação composta por uma série de vinte e quatro dispositivos idênticos em formato de caixas retangulares, tendo em sua frente uma pequena janela quadrada. Dispostos em um círculo, os dispositivos são sustentados por bases metálicas que variam entre 1,40m e 1,70m de altura, produzindo um movimento ondular, com suas faces voltadas para o centro.

Pela abertura frontal dos objetos, observa-se a existência de uma fonte de luz oriunda do interior de cada dispositivo: em um tubo retangular, slides fotográficos são retroiluminados dentro de cada máquina, de forma que uma luz fraca é vista através da face frontal pelo observador.

À distância, a intensidade da luz e o tamanho reduzido da abertura fazem com que não seja possível distinguir essas imagens, atraindo assim o espectador.

No entanto, quando este se aproxima para melhor enxergá-las, um sensor de presença é acionado, produzindo um estalo e apagando a luz interna, negando sua observação das imagens.

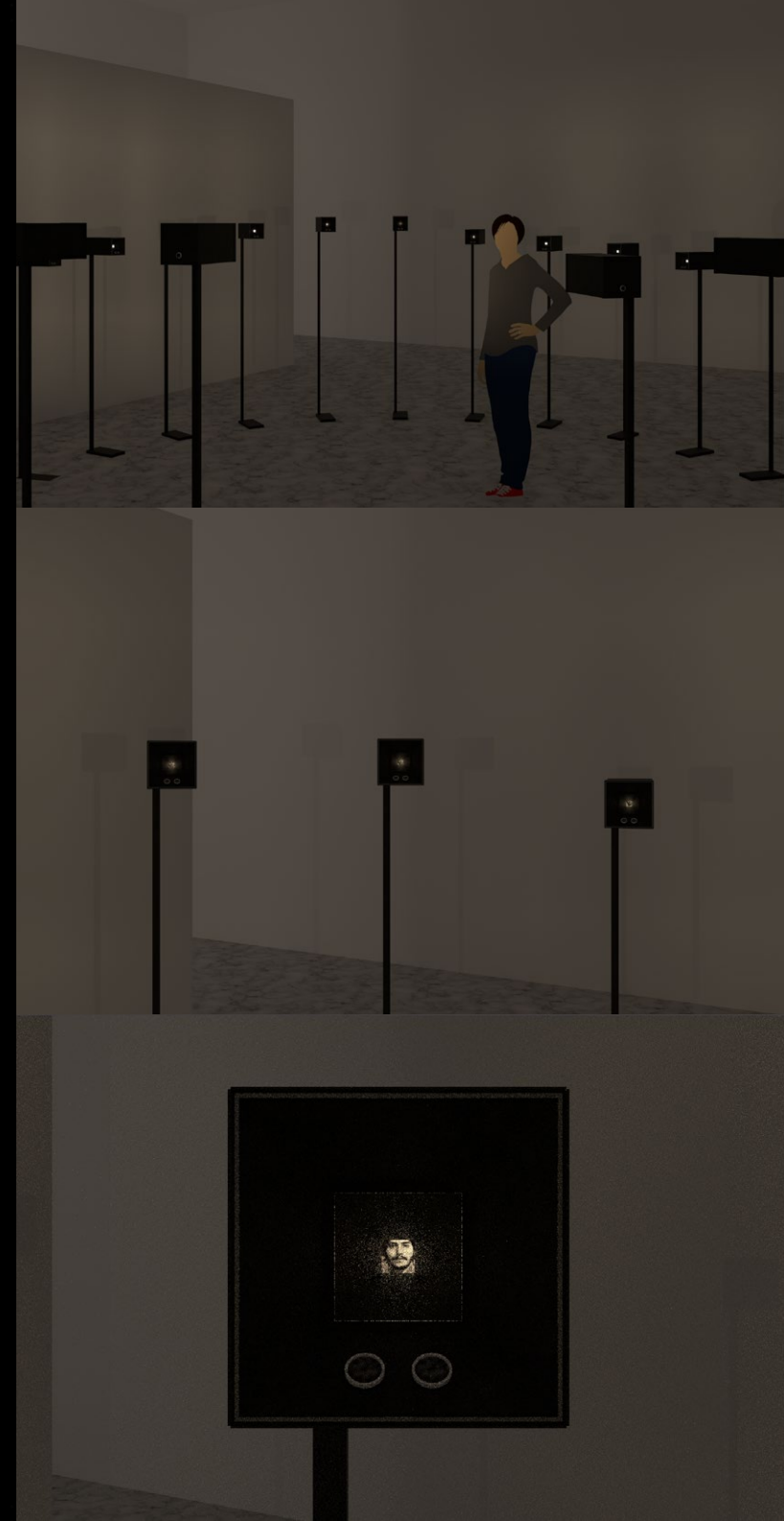


Desta forma, quando a pessoa se aproxima da máquina na esperança de tomar a imagem, o movimento de descoberta empregado é o mesmo que a encobre, tornando impossível a sua apreensão. Quando o corpo se afasta da face, a luz volta a se acender.

Por meio deste movimento de recuo, é possível observar que, encerrados dentro das caixas, projetam-se rostos. Com a impossibilidade de distinguir nitidamente a identidade desses rostos, acende-se a oportunidade de perceber essas imagens como retratos.

Comunhão faz uso de programação e instrumentos de interação, observando a possibilidade do uso de ferramentas e noções de campos diversos, expandindo-os para outras áreas de trabalho – como a fotografia e a instalação –, entrelaçando que há de latente nestas diferentes atividades, convergindo-as ao interesse central específico da obra: uma instauração que propõe a consciência do poder da fotografia e das relações presentes na maneira como a experienciamos, através de seu triunfo – e fracasso.

Comunhão, 2016 – 2020. Série “Do Trauma da Visão: Máquinas de Esperar”
Instalação. Slide fotográfico, aço e componentes eletrônicos.
Trabalho em co-autoria com Víctor Audi.



RETINOBLASTOMA





Retinoblastoma, 2013
Fotografia / experiência sensorial.

1. RETINOBLASTOMA é uma experiência sensorial-fotográfica que não tem como objetivo a produção de imagens em suporte físico ou em memória digital que possam ser compartilhadas ou acessadas posteriormente.
2. Um espaço ocioso interno/fechado deve ser vedado de forma que não haja incidência de luz externa.
3. Cada participante deve ter em mãos uma câmera fotográfica equipada com flash. Seu único modo de enxergar será através do disparo do flash das câmeras, revelando o ambiente em que o participante está inserido.
4. Cada flash proporciona ao participante a percepção de uma fração do espaço que é imediatamente traduzida em memória individual. Isso causa em cada indivíduo uma construção que se relaciona com o efeito causado pela fotografia.
5. A experiência de cada participante é parte fundamental da experiência dos demais.
6. A busca por compreender o espaço acaba por transformá-lo incessantemente.
7. O espaço pode ser ocupado por objetos e instalações.
8. Artistas convidados podem ocupar o espaço com performance.
9. O tratamento sonoro pode se dar através de músicos convidados, com a única diretriz de tocar em alto volume.
10. Todas as fotos tiradas durante a experiência são voluntariamente concedidas aos organizadores depois do evento e apagadas dos dispositivos dos participantes.
11. Todas as fotografias registradas serão recolhidas e apagadas sem jamais serem vistas.

